

Londres sob bombardeios alemães: uma série de Ralph Ingersoll no jornal *O Estado de S. Paulo* (1940-1941)**Alexandre Andrade da COSTA***

Resumo: Os anos 1930 e 1940 são conhecidos pela intensa batalha ideológica que os caracterizou, pois o mundo estava cindido entre a democracia e o totalitarismo. Nesta apresentação, pretende-se analisar de que forma as representações acerca do cenário internacional, mais especificamente sobre o bombardeio da Inglaterra pela Luftwaffe, publicadas nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*, foram mobilizadas em nome de um projeto de país que estava articulado a uma determinada visão de mundo.

Palavras-chave: Guerra aérea. Bombardeio. Imprensa.

London under German bombing: a series of articles by Ralph Ingersoll in the newspaper *O Estado de S. Paulo* (1940-1941).

Abstract: The years 1930 to 1940 are known for the intense ideological battle which characterized them, as the world was divided between democracy and totalitarianism. This paper will analyze how depictions worldwide, more specifically depictions of the Luftwaffe bombing of England published in the newspaper *O Estado de S. Paulo*, were mobilized on behalf of a national project which was hinged to a particular world view.

Keywords: Air war. Bombing. Press.

“Todos fitavam o céu”.

I O jornal

O jornal *O Estado de S. Paulo*, maior em circulação no Brasil, àquela época, foi fundado em 1875 e propugnou, desde então, pelos ideais liberais democráticos, os denominados “princípios de 1789”, ainda que, em determinados momentos, como mostrou Maria Helena Rolim Capelato (1989), seu discurso coadune-se com o autoritarismo.

* Mestre em História - Doutorando – Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp – Univ. Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo – Brasil. Bolsista Fapesp. E-mail: aachistoria@yahoo.com.br

A posição que o grupo do Estado, ou seja, dos intelectuais que circulavam em torno da redação, adotou durante o governo Vargas foi pendular: em 1930, apoiaram a Revolução que conduziu Getúlio Vargas ao poder; em 1932, lutaram contra o então Governo Provisório em nome da causa Constitucionalista; em 1935 adotaram uma posição francamente favorável ao presidente em virtude da ameaça comunista representada por Luis Carlos Prestes e sua *Intentona*, epíteto pejorativo dado ao movimento e, finalmente, em 1937, consequência do Golpe que iniciou o Estado Novo e frustrou a possibilidade de eleição de Armando Salles Oliveira, cunhado de Júlio de Mesquita Filho, proprietário do jornal, o matutino passou à oposição.

Característica fundamental dos regimes de exceção, não tardou para que o novo Estado aperfeiçoasse uma legislação já existente e criasse o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em 1939. A esta altura, o jornal, espaço de debates e de intervenção na esfera pública, já sofria as ressonâncias da censura que grassava na imprensa brasileira. Seu proprietário foi exilado, pela segunda vez em menos de dez anos, e engajou-se na luta contra Getúlio Vargas dedicando-se à sua ‘missão política’.

Foi nesse contexto que se deu a inserção de um quadro, oriundo da fusão de duas ou três colunas das páginas do periódico, que analisava a situação internacional.¹ A partir de 01 de abril de 1938, data de seu surgimento, até o final da guerra, o leitor poderia encontrar as mais variadas análises sobre os mais distintos problemas militares, econômicos ou sociais naquele espaço que poderia, até mesmo, ser recortado e colecionado.

Em março de 1940, o jornal foi ocupado pela polícia estadonovista e, sob a alegação de que lá eram escondidas armas para uma sublevação, foi fechado e expropriado. Ressurgiu somente a 07 do mês subsequente, profundamente modificado no que concerne aos ideais pelos quais se batia ainda que mantivesse o mesmo projeto gráfico.

O novo diretor, Abner Mourão, foi indicado pelo CNI (Conselho Nacional de Imprensa) e era o responsável não somente pela redação, mas também pela administração econômica. A nova orientação editorial tornou o periódico veiculador da visão de mundo definida pelo governo como a que mais se coadunava com a história brasileira, ou seja, aquela de teor autoritário. Não obstante as reviravoltas da política nacional, o cenário internacional foi convulsionado por mais uma guerra, na qual cada vitória alemã retumbava, no Brasil, como a confirmação de que o liberalismo estava em ruínas e cedia espaço aos totalitarismos.

II A batalha da Inglaterra

A evacuação em Dunquerque foi um marco na luta dos britânicos contra os alemães. Empurrados pela Wehrmacht para as praias do litoral francês, os soldados que foram enviados para auxiliar os franceses na luta, estavam encurralados. Quando todos esperavam o pior, o chanceler alemão ordenou que os exércitos parassem. Assim, numa operação rápida, os ingleses conseguiram embarcar e retornar ao seu país, deixando para trás grande quantidade de armamentos no momento mais crítico de sua história.

Num livro publicado pouco tempo depois, em 1941, Richard Lewinson contou que,

Na Grã-Bretanha, principalmente, onde o triste regresso do corpo expedicionário pos em evidência a gravidade do golpe sofrido, a impressão da derrota foi profundamente sentida. Se os alemães, nesse momento, estivessem prontos e decididos a voltar-se logo contra a Inglaterra, o seu ataque poderia ter sido de conseqüências decisivas. A verdade é que tal ataque seria contrario ao programa e à tática do chanceler Hitler e dos seus generais, que preferem combater e exterminar os seus adversários sucessivamente, separadamente, um de cada vez. (LEWINSON, 1941, p. 101) ².

Como asseverou Basil Liddell Hart (1992), o pensamento militar de Hitler era muito complexo e certamente esta decisão estava eivada de ilações oriundas de sua relação de amor e ódio com os britânicos. Para o historiador militar, “if the BEF had been captured at Dunkirk, the British might had felt that their honour had suffered a stain wich they must wipe out. By letting it scape Hitler hoped to conciliated them” ¹. (LIDDELL HART, 1992, p. 89-90).

Entretanto, Winston Churchill recusava-se a aceitar quaisquer ofertas de paz oriundas da Alemanha hitlerista. O primeiro ministro decidira resistir, a partir de então, sozinho, contra o inimigo e esperava do Novo Mundo – Estados Unidos – a ajuda necessária para suportar o embate.

Nesse momento, Adolf Hitler, que se assenhoreara da Europa Central, estava numa encruzilhada: não poderia avançar, a leste, sem derrotar sua última inimiga, nem tampouco planejar uma invasão às ilhas britânicas em virtude de sua carência em armamentos necessários a esta sorte.³ Por isso, resolveu utilizar a arma aérea, promessa de muitos técnicos, para derrotar a Inglaterra. Vale lembrar que a Luftwaffe adquirira experiência nos combates anteriores, mas somente como arma de apoio e nunca decisiva. Assim, esta era a oportunidade de Hermann Goering angariar prestígio junto ao Führer e conferir à aviação alemã protagonismo inaudito.

É preciso recordar que desde os anos 1910, pelo menos, apostava-se na aviação como a principal entre as três armas de uma nação. Para o historiador militar John Keegan,

¹ “Se a Força Expedicionária Britânica fosse capturada em Dunquerque, os britânicos poderiam sentir que sua honra havia sido manchada e que eles deveriam limpá-la. Deixando-os fugir, Hitler esperava a conciliação”.

The Battle of Britain, by contrast, was to be a truly revolutionary conflict. For the first time since man had taken to the skies, aircraft were to be used as the instrument of a campaign designed to break the enemy's will and capacity to resist without the intervention or support of armies and navies². (KEEGAN, 1989, p.88).

Nesta perspectiva, o preâmbulo da diretiva nº 16, que tratava do ataque à Inglaterra, trazia:

Since England, in spite of its militarily hopeless situation, still gives no recognizable signs of readiness to come to terms, I have determined to prepare a landing operation against England and, if it need be, to carry out. The aim of this operation is to exclude the English motherland as a basis for the continuation of the war against Germany, and, if it should be necessary, to occupy it completely³. (KERSHAW, 2000, p. 302).

Os bombardeios à Inglaterra começaram em julho de 1940 e tinham por finalidade destruir fábricas e outros pontos vitais para o esforço de guerra e abalar o moral da população civil. O jornal *O Estado de S. Paulo*, por meio de seus comentários, realizou uma intensa defesa do último pilar da democracia na Europa.⁴ Entre os meses de julho e dezembro, a atenção do mundo voltou-se para os britânicos que enfrentaram os alemães que até então não tinham sido derrotados. Júlio de Mesquita Filho, ao narrar as dimensões que o ataque tomaria, afirmou que

Há prognósticos dantescos e apocalípticos. Fala-se na destruição de Londres, no arrasamento de fortalezas e nas chamas imensas que dominarão o país inteiro. Diante da grandeza apavorante desses acontecimentos, ainda por vir, as pávidas criaturas, que se encontram a distância, sentem-se infinitamente pequenas. Não devem ter a filancia de julgá-los de antemão. E quem sabe se não surgirá uma surpresa, que amesquinhe ainda mais a pobre espécie humana? (DENTRO DE POUCOS DIAS..., 17 jul. 1940, p.14).

O excerto revela que havia expectativa acerca dos bombardeios que Londres sofreria e acentuava o fato de que, a distância, estes eventos apequenavam os observadores mais

² No excerto, lê-se: “A batalha da Grã-Bretanha foi verdadeiramente um conflito revolucionário. Pela primeira vez, desde que os homens tinham conquistado os céus, os aviões foram utilizados como instrumentos em uma campanha elaborada para vencer a moral do inimigo e sua capacidade de resistir sem auxílio do Exército ou da Marinha”, em tradução livre.

³ “Uma vez que a Inglaterra, a despeito de sua desesperadora situação militar, ainda não dá sinais de prontidão para chegar a um acordo, eu determinei a preparação de uma operação de desembarque contra a Inglaterra e, caso se faça necessário, conduzi-la. O objetivo dessa operação é excluir a Inglaterra como uma base de continuação da guerra contra a Alemanha, e, caso seja necessário, ocupá-la completamente”. Ainda de acordo com Kershaw, as expressões “if need be” e “if necessary” revelam a relutância de Hitler.

atentos. A série publicada pelo jornal, assim, articulava-se a esse esforço não só de compreensão, mas de defesa dos ideais democráticos ameaçados pelos regimes de força.

III A série

A série *Londres sob bombardeios alemães* foi composta de 35 artigos publicados entre 17 de dezembro de 1940 e 13 de março de 1941. O autor era o jornalista norte-americano Ralph Ingersoll. Este fora editor dos periódicos *New Yorker*, *Fortune* e *Time* e, quando da viagem à Inglaterra, era responsável pela publicação do periódico *P.M. (Picture Magazine)*. De acordo com Philip Nel, *P.M.* foi fundado como uma alternativa aos geralmente conservadores jornais nova-iorquinos, com a utilização de fotografias e imagens. Era um periódico que defendia as diretrizes do presidente Roosevelt e combatia o fascismo no cenário internacional. Seu primeiro número expressava sua visão de mundo da seguinte forma:

P.M. is against people who push other people around. P.M. accepts no advertising. P.M. belongs to no political party. P.M. is absolutely free and uncensored. P.M.'s sole source of income is its reader's – to whom it alone is responsible. P.M. is one newspaper that can and dares to tell the truth⁴. (INGERSOLL, 24 dez. 1940, p. 01).

Em seu primeiro artigo, Ralph Ingersoll apresentou seus motivos para sua viagem à Londres:

Perguntaram-me, logo de início 'Porque veio à Inglaterra?'. Expliquei-lhes que era editor de um jornal nova-iorquino e, embora tivesse um correspondente em Londres, viera ver com os meus próprios olhos o que se passava, pois a situação da Inglaterra interessava vivamente nós americanos, e, a tão grande distância, era muito difícil fazer uma ideia exata dos acontecimentos. (INGERSOLL, 17 dez. 1940, p. 01).

Os artigos apresentam uma variada gama de temáticas que versam tanto sobre assuntos técnicos (as diferenças entre os Spitfires e Hurricanes, ingleses e os Messerschmidt 109, aeronave alemã) quanto sobre aspectos sociais (os abrigos, a vida noturna, o racionamento). O autor recorre à palavra espetáculo para descrever a cidade e

⁴ Philip Neil, in: <http://www.k-state.edu/english/nelp/purple/miscellaneous/pm.html>, acesso em 19 nov. 2011. "P.M. é contra pessoas que pressionam outras pessoas ao redor do mundo. P.M. não aceita propagandas. P.M. não pertence a nenhum partido político. P.M. é absolutamente livre e incensurável. O único interesse de P.M. são seus leitores – pelos quais ele é o único responsável. P.M. é um jornal que pode e ousa falar a verdade". O periódico não admitia propagandas em suas páginas para que não houvesse pressões de interesses dos anunciantes. Cumpre destacar que, deste programa, o apelo à verdade foi parte integrante dos artigos escritos por ele acerca de sua visita à antiga metrópole. Em várias ocasiões, ele afirmou descrever, tal qual, "o que vi e ouvi com os meus próprios olhos e ouvidos, - tão rapidamente quanto possível".

suas problemáticas. Em um texto sobre os abrigos, ele escreveu que “não é possível assimilar o *espetáculo* de milhares e milhares de pessoas dormindo em um subterrâneo obscuro. O salão estava literalmente atapetado de corpos humanos, que se alinhavam em intermináveis fileiras ao longo dos balcões”⁵. (INGERSOLL. 18 jan. 1941, p. 01, Grifo nosso).

No que se refere aos aviões que lutam nos céus da Grã-Bretanha, o autor, anglófilo declarado, ⁶ concluiu que os Spitfires e Hurricanes eram muito superiores aos aparelhos alemães. De acordo com ele o “[...] motivo que roubou aos alemães o domínio aéreo sobre a Inglaterra é a inegável superioridade do Spitfire e do Hurricane – os dois aparelhos interceptores de primeira classe da Grã-Bretanha”. (INGERSOLL. 20 fev. 1941, p. 01). Todavia, também apontou que os norte-americanos, que a esta altura já auxiliavam os britânicos abertamente, tinham muito a aprender sobre a técnica de construção em aviação. Nesse sentido, não poupou críticas aos aparelhos cedidos aos ingleses:

Os aviões americanos, como lhes poderá contar quem quer que seja que os tenha pilotado na Inglaterra, são as mais lindas máquinas existentes. A sua construção é extremamente perfeita. São muito mais fáceis de manter, que os aparelhos ingleses, exigem muito menos tempo para serem examinados e podem ser rapidamente postos em estado de voar. Os mais rápidos desenvolvem uma velocidade fantástica. É um prazer lidar com um desses aparelhos. O seu único defeito é que, embora sejam aeroplanos de combate, não foram construídos para combater e não podem fazê-lo. Tanto o Spitfire como o Hurricane são equipados com oito metralhadoras ou quatro canhões. Os caças americanos são geralmente armados apenas com quadro ou seis metralhadoras. Em segundo lugar – e isto é o mais importante – as cabines cheias de comandos complicados não se adaptam exclusivamente ao indivíduo que as tem de manejar durante a luta. Esse indivíduo é um jovem que se movimenta com uma pressa louca, terrivelmente emocionado, na maioria dos casos. Não se trata, aí, de um piloto comercial, que inicia calmamente um longo percurso, procurando economizar gasolina, pensando em preencher a ficha que deverá entregar ao diretor do tráfego. O piloto de um avião de caça, entretanto, só se preocupa com uma coisa: conseguir do seu motor o máximo de potência no menor espaço de tempo possível. (INGERSOLL. 04 mar. 1941, p. 01).

Havia uma preocupação em explicar ao leitor norte-americano o significado de algumas expressões que o jornalismo diário banalizara, mas que, para Ingersoll, perderam o sentido. Ao falar sobre um bombardeio, o jornalista chamava a atenção para o fato de que

[...] o povo americano ainda não faz ideia clara da enorme variedade de tipos de destruição implicados no termo ‘bombardeado’. [...] Dizer que um prédio foi atingido por uma bomba ou bombardeado, nada explica. Pode significar tudo, desde algumas telhas quebradas por uma pequena bomba incendiária, até uma destruição absoluta e completa, devido à qual o edifício deixa bruscamente de existir. Entre esses dois extremos, há toda uma escala de variações. (INGERSOLL, 01 fev. 1941, p. 01).

Em outro artigo, ao descrever o impacto de uma bomba que atingira Londres, ele assinalou que “a noção de que um tiro desloca o ar pareceu-me então inadequada, pois pareceu-me antes quebrá-lo em mil partículas. Tanto eu como a cortina fomos atirados para trás” (INGERSOLL, 16 jan. 1941, p. 01). Essa estratégia narrativa que permeava o texto de realismo,⁷ era reflexo da ideia de que os outros jornalistas haviam perdido a capacidade de transmitir a seu público aquilo que realmente era relevante e que os impactaria.

Para Ralph Ingersoll, o problema não era a censura,⁸ com a qual concordava em virtude da situação excepcional que a guerra impunha, mas sim a falta de sensibilidade dos outros profissionais. De acordo com ele, os correspondentes norte-americanos em Londres,

[...] evidentemente, estão sujeitos a algumas limitações, mas muito menos do que supomos na América. Entretanto, em troca do conhecimento que adquirem e da adaptação que conseguem, perdem o senso de extraordinário ou insólito para os americanos que permaneceram no seu país. Não sabem mais perceber o que interessa aos seus patriotas do outro lado do Atlântico. (INGERSOLL, 11 jan. 1941, p. 01).

O extraordinário e o insólito foram profundamente explorados pelo autor da série. Não obstante o uso sistemático de metáforas e expressões grandiloquentes, Ingersoll criou um universo dentro de Londres em que tudo era possível. Por isso, alguns de seus artigos exploraram a imaginação do leitor e o convidavam a visitar Londres bombardeada e a se colocar na condição de observador participante.⁹ A noite era o momento de maior atuação dos aeroplanos alemães, em virtude da proteção que a escuridão trazia aos atacantes e, por isso, era também o momento de maior tensão dos cidadãos.

A narrativa de Ralph Ingersoll, acerca de seu ponto de observação, revela seu talento para fixar a atenção do leitor:

Deixei-os conversando, atravessei o quarto de dormir, entrei no banheiro e, no escuro, dirigi-me para a janela, que estava coberta por uma espessa cortina. *Passei a cabeça através dela, como faziam antigamente os fotógrafos para focalizar, e levantei a vidraça.* [...] A sucessão dos apitos me causava confusão quando soava o sinal de perigo passado. Os dois sinais são dados pela mesma sereia, a única diferença entre eles é que o sinal de alarme é intermitente, e o de perigo passado é contínuo. (INGERSOLL, 14 jan. 1941, p. 01. Grifo nosso).

O banheiro recebeu a denominação de “câmara escura” e passou a servir de observatório noturno do jornalista. A imaginação do expectador que vê dos céus caírem as bombas é aguçada pela explanação de Ingersoll sobre o tipo de pensamento que ocorria a um cidadão que assistia, inerte, a uma cena como esta:

Enquanto se fita o vácuo negro, ouvindo-os rugir agressivamente, atravessam-nos a mente pensamentos mais ou menos assim: ‘Há naquele aparelho, um homem, tendo na mão um botão preso à ponta de um fio –

semelhante botão que pende junto à cabeceira das camas nos hospitais; se ele apertar o botão as garras de aço que seguram a bomba no interior do seu aparelho abrir-se-ão e a bomba cairá. Ele poderia apertar o botão agora. Ou agora. E conforme o momento em que se resolver a comprimir o botão, a bomba irá cair cinco milhas à direita, cinco milhas à esquerda, ou diretamente no telhado, sobre a minha cabeça. Tudo isso não passa de fantasias, pois como explicarei em breve, a maioria das bombas atiradas sobre Londres, é controlada automaticamente pelo rádio nos quartéis gerais da Luftwaffe. Mas depois que se sabe que basta apertar um botão de aparência inocente para que o aeroplano deixe cair a sua carga, *fica-se realmente impressionado com a caprichosa casualidade de que dependem a morte e a destruição*. (Idem. Grifo nosso).

O foco concedido a este tipo de análise se devia, ainda segundo o editor de *P. M.*, ao fato de que, para ele, Hitler ao decidir bombardear Londres não pensava exclusivamente nos danos e perdas militares e sim em uma arma que utilizara com frequência na esfera diplomática fundamental para suas conquistas: o medo. Ingersoll relatou:

Estive sempre em companhia de pessoas que, embora sentissem muito medo, não o demonstravam, e continuavam calmamente absorvidas nos seus afazeres, e a isso atribuo a facilidade com que o terror se desvanecia. [...] Mas estava e estou interessado pela outra espécie de medo, porque é o principal instrumento com que Adolf Hitler conquistou tão grande parte do mundo. E é na capacidade que têm demonstrado os ingleses de dominá-lo, resistindo a ele e compreendendo que é apenas uma dor de cabeça e não uma moléstia fatal, que baseio a certeza de que os britânicos resistirão e sobreviverão a Adolf Hitler. (INGERSOLL, 30 jan. 1941, p. 01).

Ao trilhar essa senda, a da descoberta dos efeitos que os ataques aéreos tinham sobre o moral da população civil, o autor se recordou que Anna Freud, filha de Sigmund Freud, havia sido expulsa da Áustria em 1938, com a família, e escolhera Londres para se instalar. Em um de seus textos, o jornalista narrou como foi sua visita à psicanalista que, após o falecimento do pai, trabalhava em uma clínica da capital inglesa:

[...] desejava saber, dela e de outros psiquiatras, quais os dados científicos que possuíam quanto aos efeitos do bombardeio sobre o equilíbrio emocional da população. [...] Anna Freud é uma mulher pequena, morena e elegante, de expressão pensativa e inteligente. [...] ‘Nunca vi coisa alguma que se assemelhasse a este povo. Se não vivesse aqui, eu não acreditaria. São todos tão calmos e suportam tudo com tanta facilidade...’ disse ela. [...] Não havia distúrbios nervosos que pudessem ser diretamente atribuídos aos bombardeios. ‘Em uma grande cidade’, explicou ela, ‘há sempre muitas pessoas cuja vida se torna excessivamente complicada para que possam suportá-la, mas não temos razão para crer que essas dificuldades se agravem por efeito dos bombardeios’. (INGERSOLL, 06 fev. 1941, p. 01)¹⁰.

Há de se considerar, ainda, as diferenças entre os eventos da guerra anterior e os desafios que a nova guerra trouxera às populações citadinas. Uma das características fundamentais da Segunda Guerra Mundial foi aludida em um dos textos no qual Ralph

Ingersoll destacava que “O que posso dizer, com certeza, é que seja qual for o seu custo, o ‘esforço de guerra’ é realmente um *esforço total* – uma onda pela qual se deixam arrasar todos os homens, mulheres e crianças; e poucos serão as (?) e recantos que ela não invada”. (INGERSOLL, 04 fev. 1941, p. 01, Grifo nosso).

A *totale Krieg* (guerra total), título do livro de Erich von Luddendorf diferia profundamente da técnica da guerra anterior, pois exigia a mobilização de toda a população que, mesmo contra sua vontade, sentia os reflexos do cataclismo. Durante o conflito anterior, rememorou um dos psicanalistas visitados pelo jornalista,

[...] quando os homens se encontravam nas trincheiras, na França e descansavam apenas nas breves licenças que lhes permitiam voltar da retaguarda, tinham constantemente presentes na imaginação os campos tranqüilos da Inglaterra e da França. Sabiam que se qualquer coisa lhes acontecesse, iriam para lá. Assim, quando chegavam ao extremo das suas forças, alguma coisa lhes acontecia, um dedo paralisava-se no gatilho, a vista perturbava-se, etc. Mas agora o povo de Londres, por exemplo, lê todos os dias que a Escócia e os Midlands foram bombardeados. Não há campos verdes e tranqüilos para onde os leve a imaginação. Uma vez que não há maneira possível de escapar, aceitam a situação e habituam-se a ela. ‘Mas’, acrescentou ele, ‘não posso afirmar que essa hipótese seja exata. É simplesmente incrível, mas é verdade: os bombardeios não deprimem as pessoas nem as tornam doentes’. (INGERSOLL, 06 fev. 1941, p. 01).

A vida cotidiana foi tema de alguns textos de Ingersoll. Neles, o autor pretendia transmitir a ideia de que ela não havia se tornado catastrófica em virtude dos bombardeios. Assim, por exemplo, tratava-se de edulcorar o sistema de racionamento, afirmando que ele funcionava perfeitamente:

[...] o livro do racionamento era o mais interessante. Media mais ou menos quatro polegadas por seis; impresso em papel ordinário, continha umas doze folhas. Depois de uma ou duas páginas de instruções, seguiam-se folhas grossas divididas em pequenos cupons, sobre os quais se achavam escritas sucessivamente, as seguintes palavras açúcar, manteiga e gordura, toucinho, carne. [...] É talvez no caso do toucinho que mais se nota o racionamento, pois o clássico ‘toucinho com ovos’ continha apenas duas pequenas fatias de toucinho, ao passo que quando estive anteriormente em Londres, o prato trazia duas ou três vezes essa quantidade. (INGERSOLL, 04 jan. 1941, p. 01).

Londres se transformou numa cidade em que coabitavam dois mundos distintos: “o da guerra e o da paz coexistem lado a lado, separados somente por alguns momentos de crepúsculo” (INGERSOLL, 09 jan. 1941, p. 01). Esse crepúsculo, todavia, poderia ser encontrado a qualquer hora do dia porque, ao andar pelas ruas, o que se via eram janelas pintadas de preto. Ao recordar sua estada na cidade, ele afirmou que

[...] os vidros da porta do hotel estavam pintados de preto. Escurecera completamente enquanto tratávamos dos quartos e bebíamos alguma coisa. Fora, nas ruas da cidade provinciana, a sensação era mais estranha que assustadora. [...] O hotel onde me hospedei, em Londres, tinha a porta giratória inteiramente negra. Creio que jamais esquecerei a sensação que senti ao atravessá-la, *mergulhando nas trevas*. (INGERSOLL, 19 dez. 1940, p. 01. Grifo nosso).

As trevas também ocupavam a capital ao anoitecer. O autor da série recordou que

[...] só se veem brilhar, nas ruas de Londres, pequeninos focos que iluminam cartazes onde se tem apenas três letras: A. R. P. seguidas de uma seta. As letras significam: 'Air Raid Protection' (Proteção Contra Ataques Aéreos) e a seta indica o abrigo mais próximo. Na Inglaterra, onde quer que se vá, encontram-se essas setas. [...] *O reino encantado da ARP encontra-se no subsolo*. [...] Os que dormiam acima do solo diziam que não os tentava a perspectiva de ficarem soterrados sob um edifício, ou que as probabilidades de ser diretamente atingido eram tão reduzidas que não valia a pena sair dos seus cômodos. Os que dormiam nos abrigos, na maioria dos casos, achavam que o mais importante era o silêncio, alegando que os canhões os impediam de dormir. [...] Somente de uma coisa se podia ter absoluta certeza: poucas, pouquíssimas pessoas, ninguém praticamente, dormia normalmente, noite após noite, na sua própria cama, no seu quarto de dormir. (INGERSOLL, 28 jan. 1941, p. 01, Grifo nosso).

O excerto demonstra como a intenção do autor era elaborar um texto no qual a guerra estivesse tratada de uma dupla perspectiva: a primeira, demonstrada nas alterações do cotidiano e nas práticas que a situação reforçava ou suprimia; e a segunda, a eficácia dos ingleses em criar estratégias que lhes permitissem resistir a Hitler. Assim, o racionamento funcionava e, como se lê acima, “onde quer que se vá” se encontrava um abrigo que protegia a população dos bombardeios.

A narrativa não poderia prescindir de um perfil do homem que enfrentava a Alemanha hitlerista: Winston Churchill. Ralph Ingersoll se referiu a ele como ‘the right man in the right place’, elogiou sua bravura, mas, sentenciou que “ninguém acreditava que continuasse como Primeiro Ministro após a terminação da guerra. Consideravam-no apenas como o homem devido no lugar devido na ocasião oportuna” (INGERSOLL, 09 jan. 1941, p. 01). No mesmo texto, apresentou, ainda, uma outra característica de sua missão em Londres, a política. Desejava avaliar,

[...] a principal questão, em que se baseavam todas as outras: que provas havia pró ou contra a teoria de que a batalha se feria entre duas concepções sociais antagônicas e não entre duas pequenas classes dominantes, que se disputavam o direito de explorar o povo tanto no próprio país como no império colonial? E, para completar, pretendia estudar o aspecto prático dessa questão: quais eram as probabilidades de que essa guerra pela predominância no mundo terminasse como a luta pela Tchecoslováquia, por um súbito acordo. Tomando ou não parte na guerra, os Estados Unidos atualmente apoiam plenamente o Império Britânico com

Londres sob bombardeios alemães

toda a sua riqueza. A princípio tratava-se apenas de se saber se os ingleses estavam ganhando ou perdendo. Mas depois surgiu uma questão mais sutil e complicada: estaria a Inglaterra fazendo uma guerra leal, combatendo honestamente o que nos parecia errôneo, ou se empenhava em uma luta desonesta, à espreita de um acordo que lhe desse o direito de coexistir com o fascismo? Evidentemente, eu sabia que não obteria as respostas a todas essas perguntas. Não esperava consegui-las e não as consegui. (Idem).

A evasiva, no final do artigo, é um indício de que, apesar de traçar um panorama positivo da batalha e da resistência britânica, o jornalista não se comprometia a delimitar que as possibilidades de um acordo semelhante ao de Munique estavam distantes. Além disso, como cidadão norte-americano, talvez estivesse interessado em apreender até que ponto uma aliança efetiva com a Inglaterra, politicamente conhecida como *Pérfida Albion*, não comprometeria o futuro dos Estados Unidos.

Pode-se inferir que o autor trabalhava com duas esferas de análise: a análise estrutural, que definia as limitações/obrigações do governo com a população civil e uma microanálise, que versava sobre aqueles problemas encontrados ao rés do chão. De qualquer modo, é indubitável que essa estratégia narrativa conferia à série um realismo reforçado pelos exemplos escolhidos por seu autor. Ao avaliar os efeitos do bombardeio, do ponto de vista social, Ralph Ingersoll destacou:

Quero que compreendam como se modificam as convenções e os preconceitos quando se é obrigado a receber em casa, primeiro, parentes próximos, depois conhecidos e finalmente estranhos que se viram privados das suas habitações. É preciso que compreendam também – e isso talvez seja o mais importante – que ninguém gosta de ficar só numa noite cheia de ruídos apavorantes. A presença de seres humanos é, então, um grande conforto. (INGERSOLL, 28 jan. 1941, p. 01).

Percebe-se, aqui, que ao aproximar o conflito da necessidade que os homens teriam de se solidarizar em uma situação como a descrita, o autor extrapolou os limites de um evento local e o projetou ao mundo que acompanhava a batalha travada sob o céu londrino, com o intuito de transformar a causa britânica na causa da civilização ocidental.¹¹

A causa britânica já havia sido derrotada, de acordo com o autor. No entanto, Hitler não o soube. Ralph Ingersoll apresentou essa ideia logo no início da série, e em tom de revelação disse que

[...] a mais sensacional notícia que lhes posso dar é a seguinte: durante o mês de setembro, do dia 07, sábado, ao dia 15, domingo, Hitler tomou Londres e não teve disso conhecimento. A Luftwaffe de Goering conquistou-a por meio de uma sucessão quase contínua de reides aéreos diurnos que, praticamente, puseram em fogo a cidade, interromperam os seus meios de transporte, encheram-lhe as ruas de tijolos e vidros quebrados, cortaram-lhe quase completamente o abastecimento de água, durante toda essa semana

– em que a população civil, mal preparada e inexperiente se conservou firme, apesar do terror ininterrupto, sustentada somente pela sua incrível coragem e pela sua inabalável confiança – todos tiveram razões de sobra para acreditar que a cidade seria inteiramente arrasada pelo bombardeio e pelo fogo. (INGERSOLL, 24 dez. 1940, p. 01).

Os bombardeios sobre Londres e demais cidades da Inglaterra continuaram ao longo de todo o ano de 1940 sem, contudo, levar os britânicos a se renderem. Algumas cidades, tais como Coventry, foram intensamente bombardeadas pelos ataques alemães, mas a operação Leão Marinho foi postergada por Hitler que a preteriu em detrimento de Barbarossa. A estada em Londres permitiu ao autor conferir a seu discurso uma legitimidade que foi utilizada para sustentar a ideia de que a Inglaterra poderia vencer a Alemanha. No último artigo, Ralph Ingersoll concluiu que

[...] a batalha travada de oito a quinze de setembro, longe de haver provocado a debilidade da Inglaterra, significou a primeira derrota de grande envergadura infligida a Hitler em oito anos. [...] não me causam a menor impressão as declarações germânicas referentes à eficácia dos bombardeios noturnos em massa, aos quais chamam agora '*coventrisar*'. [...] Abandonando agora o meu papel de repórter, e refletindo sobre as pessoas que conheci observei e entrevistei na Inglaterra, posso dizer que a sua coragem, o seu ânimo e a sua indômita resolução de enfrentar e bater as forças inimigas são impressionantes, na mais larga acepção da palavra. É uma experiência profundamente comovedora observá-las na luta. (INGERSOLL, 13 março 1941, p. 01, Grifo nosso).

Longe de permanecer na posição de expectador, pode-se afirmar que a série constituiu uma iniciativa de forjar uma imagem sobre o povo inglês e sobre o governo britânico como último pilar de uma ideologia política pela qual o esforço era válido: a liberal-democrática. Ao analisar a batalha da Inglaterra, o autor apontou que ela “poderia ser considerada como uma batalha em que o vencido, sem o saber, foi na realidade o vencedor”. (INGERSOLL, 24 dez. 1940, p. 01).

IV Conclusão

O jornal *O Estado de S. Paulo*, ocupado e sob censura, foi o veículo por meio do qual a série *Londres sob bombardeios alemães* veio a público, antes de ser apresentada no formato livresco, pela editora José Olympio, em 1941. Nos textos que a compunham, os leitores brasileiros tinham a possibilidade de avaliar o conjunto dos problemas enfrentados pelos ingleses no momento mais crítico de sua história.

Após a queda da França, a Alemanha angariou muito prestígio militar e os regimes de força espalhados pelo mundo pareciam ver confirmadas, nas vitórias alemãs, o espectro

de suas respectivas políticas. No Brasil, não foi diferente. A historiografia do período é unânime em apontar que durante esse período houve uma tentativa de coadunar o discurso brasileiro àquele vitorioso nos campos de batalha europeus. As dissonâncias, ainda segundo esta mesma historiografia, seriam silenciadas pelo DIP que tinha absoluto controle da imprensa.

Estudos recentes têm demonstrado que esse controle estava longe de ser total. Na verdade, havia inúmeras fendas, brechas, nessas tentativas de controle que permitiam aos opositores do regime permanecer combatendo o Estado Novo no campo das ideias. O caso do jornal *O Estado de S. Paulo* revela que, mesmo um periódico ocupado pela ditadura e presidido por um censor, manteve sua orientação liberal e democrática nos quadros inseridos em suas primeiras páginas. A Batalha da Inglaterra, vencida na undécima hora, permitiu acompanhar o quanto os responsáveis pelo jornal se mobilizaram na tentativa de sustentar que as democracias poderiam vencer Hitler e, por consequência, os totalitarismos e governos autoritários.

A série *Londres sob bombardeios alemães* foi escrita para o público norte-americano, com o intuito de sensibilizar os dirigentes da nação para o problema enfrentado pelos ingleses, uma vez que nos Estados Unidos havia um relevante número de cidadãos e importantes líderes políticos que apoiavam uma postura de neutralidade diante do conflito europeu. Dessa forma, a série de Ralph Ingersoll assumiu um papel fundamental porque traduzia para os norte-americanos a dor, o desespero e, concomitantemente, a bravura britânica, que enfrentava Hitler e se negava a capitular diante da agressão nazista.

É também nessa perspectiva que os escritos de Ralph Ingersoll se inserem no contexto nacional brasileiro: a série foi publicada porque se articulava a um projeto de defesa da democracia, propugnado pelos remanescentes do grupo do Estado que viam, na derrota do Eixo e na consequente vitória das democracias, a destruição do regime estadonovista, para eles, de igual tessitura.

Júlio de Mesquita Filho, exilado desde março de 1940, analisava a guerra no Velho Continente sob esta perspectiva, pois, de acordo com ele, uma vez que o Brasil não se levantava contra Getúlio e que os Estados Unidos se recusavam a aceitar suas críticas ao governante brasileiro só restava esperar que a guerra, destruidora de regimes, fizesse ruir os pilares do Estado Novo.¹²

Vale destacar que tal iniciativa não foi censurada pelos jornalistas ligados ao DIP e que controlavam o periódico, o que revela que a ideia de controle absoluto dos meios de comunicação de imprensa por parte dos intelectuais ligados ao Departamento de Imprensa e Propaganda não se coaduna com o ocorrido no jornal *O Estado de S. Paulo*, periódico que compunha, naquele momento, a rede governamental de mídias (cinema, imprensa e rádio).

Articulada ao contexto político nacional, ela permite elucidar de que forma os jornalistas permaneceram na luta pela democracia justamente no momento em que ela esteve mais ameaçada. O contraste flagrante entre os quadros que compunham a série e o nome do diretor Abner Mourão, localizado imediatamente acima deles, é uma síntese que revela a contradição do Estado Novo no cenário internacional.¹³

Anexos

“MESTRES” E “DISCÍPULOS”

Como por um “passe” de magia, cessou a tensão na península balcânica. Os factos não se precipitaram, como parecia inevitável. Moscovo recolheu-se de novo, e a imprensa de Berlim apressou-se a declarar que “nunca estiveram tão firmes, como no actual momento, as relações entre os dois Estados”. Do Extremo Oriente, da capital japonesa, anuncia-se a assinatura, para muito breve, de um accordo entre as quatro potencias totalitarias. Em Bukarest, o sr. Reginald Hoare, ministro inglez, entende que, por enquanto, não é opportuno romper com o governo do rei Miguel. A concentração de tropas, ás margens do mar Negro pelos allemães, e na fronteira da Bessarábia pelos siavos, já não se processa no mesmo rhythm. Politica e diplomatas, de ambos os grupos, não se referem mais a uma possível conturbação geral a sudeste. Em Stambul, segundo uma agencia telegraphica, as folhas officiaes deixaram de aconselhar uma resistencia a todo transo caso a Turquia fosse ameaçada. Essas folhas chegam a insinuar que o Kromlik não deseja, de modo nenhum, complicar as coisas. De Belgrado, não vêm pormenores da “especie de ultimatum”, que o “Reich” teria enviado a Yugo-Slavia, exigindo desta a entrega de cereaes em troca de productos manufacturados. A Hungria não se manifesta pelos seus porta-vozes. O ministro britannico em Sophia tem uma conferencia amigavel com o rei Boris. Não ha mais noticias do choques na fronteira, de actos de sabotagem, de manifestos subversivos. Até quando durará esta situação?

Em vista dos commentarios vindos a publico nos paizes neutros, convem ter em mente o que aconteceu na Europa nos ultimos tempos. Com effeito, desde o inicio das hostilidades, a Russia tem sido um “enigma”. Também temos repetido isso mesmo. Mas, se attentarmos para o objectivo da Russia de hoje, não parece difficil encontrar a chave desse enigma. Qual é o objectivo? A destruição do chamado capitalismo. Ora, se as potencias do centro e do occidente, que não renegam tal systema economico, se digladiam entre si, é natural que a Republica que se proclama socialista, se afaste da contenda. Isso é intuitivo. No entanto, a realidade tem conspirado contra as prévias definições de attitude, não somente dessa nação como dos neutros mais intransigentes. Aos Estados Unidos convinha, por exemplo, não se envolverem no conflicto de além-mar. O “isolacionismo” devia ser a politica dos seus dirigentes responsaveis. Depois, esses mesmos dirigentes verificaram que semelhante factica ameaçava a segurança interna e externa do país. A Russia esteve em idênticas circunstancias. O seu “isolacionismo” era de natureza diversa, mas no fundo vinha a dar tudo no mesmo. Não foi talvez por outro motivo que, no seu livro “Leninismo”, José Stalin tentou provar que, entre siavos e norte-americanos, havia uma uniformidade de acção no sentido materialista...

Os chefes sovieticos esperavam que os exercitos dos belligerantes se destruissem em pelejas arduas e prolongadas, como se verificou na outra guerra. A inopinada

capitulação da França obrigou-os a mudar de rumo. A Alemanha tornou-se um espartilho para elles. O que esta fria faer, se porventura não tivesse mais inimigos a derrotar? Por certo que não seria prudente ordenar logo uma invasão da Prussia, da Polonia, da Tcheco-Slavia, dos Carpathos. Era de boa politica acompanhar os movimentos dos seus rivales disfarçados. Acompanhar sem deixar a perceber qualquer recelo, qualquer fraqueza, qualquer nervosismo. Os conductores dos dois Imperios esforçavam-se por tomar iniciativas, afim de rater as melhores posições. E neste ponto, é indubitavel que os estadistas vermelhos têm acido com rara habilidade. Ellos occuparam os pequenos Estados do Baltico e as ilhas estrategicas do golfo da Finlândia. E construíram fortificações na fronteira da Polonia. Quem provocou, indirectamente, toda a agitação nos Balkans? Foi a Russia, que se apressou da Bessarábia sem consultar os seus “alidados”. Não nos esqueçamos de que, antes disso, os seus mentores se comprometeram a manter o “statu-quo” na referida península. Pola não manteve. Em represalia, a Alemanha apenas se limitou a entrar na Rumania, após innumerables incidentes, graves uns, picarescos outros.

No oriente europeu, não se deve negar a competição sob aspectos mais ou menos liberaes romanticos. A competição é entre “mestres” e “discipulos” de revolucionarios, theoreticos e praticos, que se destacaram antes e após a ultima guerra. Para chegar a essa conclusão, não nos louvamos no que dizem os duplicitarios “rhetoricos” das democracias; louvamos-nos nos conceitos dos próprios homens que procuram dominar os acontecimentos. Quando se firmou no poder, em 1925, Benito Mussolini falou aos seus adeptos neste tom: “Não fundei ‘chekas’, como denunciavam os trabalhistas ingleses, mas acho que devemos aprender muito com os moscovitaricos”. Otto annos mais tarde, Adolpho Hitler, em suas confidencias, reconhecia que, para levar a cabo a sua obra, teria que seguir as lições dos seus “amigos” do leste.

Por consequencia, na frente oriental, em diplomacia e estrategia, vigoram os methodos que alguns denominam imprópriamente “asiaticos” mas que foram preconizados por varios anarchistas-intellecituales, que actuaram em lozares supercivilizados. Por aquellas bandas, “mestres” e “discipulos” do “totalitarismo”, assim da direita como da esquerda, lidam a seu modo. Não exhibem forças, não se mostram arrogantes e ferozes. Ao contrario, escondem as armas e desferem golpes e contra-golpes no escuro, sob protestos continuos de “amizade” e de “cordão”. Os “mestres”, até agora, têm sido os siavos; e os “discipulos”, os dois esteios do “eixo” Roma-Berlim, o “duce” e o “Fuehrer”. O espectáculo não arrebatou, não empolga as turbas como as batalhas de França e a da Gran-Bretanha. E’ provavel, porém, que dessa luta estranha e obscorta advenham surpresas, que abalem ou entusiasmem os espectadores, conforme as sympathias destes.

Anexo 01: Quadro oriundo da fusão de duas colunas publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 18 out. 1940, p. 12.

Um depoimento sensacional sôbre a guerra aérea

A Inglaterra sob os bombardeios aéreos

por RALPH INGERSOLL

Tradução de A. C. Callado e Tasso da Silveira

Ralph Ingersoll, diretor do mais importante jornal americano, o *PM* (o único jornal que não traz anúncio algum), tinha seu correspondente de guerra em Londres. Quis, porém, ver com seus próprios olhos o que era na realidade a espantosa guerra aérea contra os ingleses. Tomou o *Clipper* e chegou às Ilhas.

Chegou às Ilhas e, tendo completa liberdade de ação, começou a agir. Visitou as defesas de Londres. Passou noites nos abrigos anti-aéreos. Durante quatro dias esteve junto da R.A.F., em contacto com os oficiais-comandantes dos três ramos aéreos — o de caça, o de bombardeio e o de costa — conversando com jovens experimentados na blitzkrieg aérea, com os chefes de esquadrão, com os comandantes de grupo. Passou um dia na estação experimental onde os novos tipos de aeroplanos e os aviões capturados são submetidos a rigorosa observação e prova. Ele próprio aviador, vôou com o piloto de um Hurricane nos céus alemães, observando as terras de Hitler através das magníficas objetivas da R.A.F. Examinou longamente as nítidas fotografias aéreas de objetivos militares visitados pelos Spitfires, tomadas a 9.000 metros de altura. Visitou o campo do qual surgem as mais terríficas e misteriosas armas secretas da Inglaterra como o tremendo caça noturno, que derruba dois de cada cinco adversários por noite, em terríveis combates a 6.000 metros de altura, a uma velocidade de mais de 500 quilômetros por hora, na escuridão impenetrável. Viu os Spitfires erguerem vôo para suas perigosíssimas missões sem luzes que os guiassem. Subindo de novo num Hurricane, durante 40 minutos olhou pelos parabrisas do avião e viu os Messerschmidts crivados de balas e incendiando-se, sob o fogo das baterias anti-aéreas; viu em pleno combate os filmes tomados pela sincronização do aparelho fotográfico com as metralhadoras dos caças britânicos, filmes que são um registro documentário de cada tiro disparado. E viu e ouviu com seus próprios olhos e ouvidos um dos mais infernais ataques em massa da Luftwaffe de Goering. Nuvens e mais nuvens de Messerschmidts e Heinkels cobriam os céus de Londres, despejando milhares de bombas — de bombas incendiárias, de bombas explosivas, de bombas de relógio — de minas terrestres, ininterruptamente. A sucessão continua de vôos em massa fez da cidade um imenso braseiro. Quasi que tudo ardia. Os meios de transporte desorganizados, o serviço de fornecimento de água terrivelmente danificado (os canos eram quasi à flor das ruas), os civis, desprevenidos e não acostumados ainda àquela sucessão de horrores, estavam sob o clima de um incessante terror, mantidos por uma quasi inconcebível coragem e fé em si mesmos, as avenidas obstruídas por um mundo de edifícios arrasados, Londres suportou a tremenda provação durante vários dias. Ela e a R.A.F. se enfraqueciam. E Hitler teve-a em suas mãos. Se tivesse ordenado o prosseguimento da blitzkrieg aérea, diz Ingersoll, teria naquela ocasião vencido Londres. Embora se defendesse encarniçadamente, chegando a R.A.F. a destruir em um só dia mais de 200 aviões inimigos, Londres estava exausta. Mas de repente cessou a ofensiva. O perigo mortal havia passado.

Contando ainda outros episódios sensacionais sôbre a qualidade dos primeiros aviões americanos enviados para a Inglaterra para combater os Messerschmidts e confrontando-os com os Spitfires e Hurricanes e com os tipos de aeroplanos italianos; sôbre o trunfo da guerra dos nervos, quando foram lançados sôbre as Ilhas Britânicas, paraquedas vãos e desamarrados para darem a impressão de que os paraquedistas haviam fugido naquele instante: tendo ouvido as impressões de Churchill, falado com Bevin, o poderoso Ministro do Trabalho, com Lord Beaverbrook, então Ministro das Munções, com a gente do povo, Ralph Ingersoll pôde escrever seu grande depoimento, o primeiro a aparecer entre nós sôbre a guerra aérea entre a Alemanha e a Inglaterra.

* * *

O maior livro de L U D W I G

Os Alemães

Tradução de ADDA COARACY e VIVALDO COARACY

Livraria JOSE' OLYMPIO Editora
RUA DO OUVIDOR, 110 — RIO DE JANEIRO

Anexo 02: Contracapa do livro de Richard Lewinson, Os sessenta dias trágicos da França na qual a Livraria José Olympio apresentava ao leitor brasileiro a obra de Ralph Ingersoll.

O ESTADO DE S. PAULO

ABNER MOURÃO

DIRETOR DESIGNADO PELO CONSELHO NACIONAL DE IMPRENSA

S. PAULO — TERÇA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 1940

REGISTRO E ABASTECIMENTO DE MATERIAIS DE IMPRENSA
OFFICINAS GRAFICAS: RUA...

ANGLO-ESPANHA DE TANGER

Sobre as despesas de guerra do provável substituto de lord Lorton - Mensagem do rei Jorge VI

TANHA A RUSSIA

Ingleses e deixam bens avaliados em 4 mil milhões de libras esterlinas, das quais 2 mil milhões de libras serão usadas no governo.

RUSSIA ATRAVÉS DE ALL-MARK
LONDRES, 16 (16) - De um despacho vindo de Moscou, informa-se que aviadores alemães fugiram da prisão em que se encontravam.

INDUSTRIA AERONAUTICA
NOVA DEHLI, 16 (16) - Administração oficializou que o governo indiano estava estudando a possibilidade de estabelecer a indústria aeronáutica na Índia, com auxílio das Estados Unidos.

RUSSIA
O ministro da guerra soviético tornou-se conhecido por uma declaração feita no parlamento.

DE
A Inglaterra e os Estados Unidos estão trabalhando para a produção de um novo tipo de avião de combate.

DIVERSOS SECRETARIOS O PARTIDO FASCISTA

Trabalha com calma e fé o resultado final da mensagem do sr. Mussolini

ITALIANA PARA A GUERRA

de marinha alemã. A Itália, a concluir "Das Reich" batendo hoje o submarino alemão na batalha do Mar Negro.

MENSAGEM DO "DUCE"
ROMA, 16 (16) - A mensagem do "Duce" foi recebida com entusiasmo em toda a Itália.

EM HONRA DOS MARINHEIROS MORTOS
NAPLES, 16 (16) - Foram realizadas hoje as cerimônias por ocasião dos marinheiros mortos durante a batalha do Mar Negro.

ELETRICIZAÇÃO DE LINHA FERROVIARIA
BERNA, 16 (16) - Com o fim de desenvolver as vias de comunicação com Itália, foi decidida a eletrificação da linha ferroviária Berna-Paris.

REUNIÃO INTERNACIONAL
ROMA, 16 (16) - Uma reunião internacional de especialistas em assuntos de aviação realizou-se em Roma.

PALAVRAS VINDAS DO MUNDO TODO
O aparelho poderá ser transportado seguramente para a frente através de minas portuárias.

REUNIÃO INTERNACIONAL
ROMA, 16 (16) - Uma reunião internacional de especialistas em assuntos de aviação realizou-se em Roma.

REUNIÃO INTERNACIONAL
ROMA, 16 (16) - Uma reunião internacional de especialistas em assuntos de aviação realizou-se em Roma.

LONDRES SOB OS BOMBARDEIOS ALEMÃES

Ralph Ingersoll
(Copyright "Estado de São Paulo" e Outros Associações Publicadoras em Recolvidade para todo o Brasil)

UMA VIAGEM A LONDRES SITADA - Antes de chegar a Inglaterra, onde passará um dia, o jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

AUENÇA DE HONRARIOS - Os aeroplanos que vão de Lisboa a Londres são cobrados e honrários alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

REUNIÃO INTERNACIONAL - Uma reunião internacional de especialistas em assuntos de aviação realizou-se em Roma. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

REUNIÃO INTERNACIONAL - Uma reunião internacional de especialistas em assuntos de aviação realizou-se em Roma. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

REUNIÃO INTERNACIONAL - Uma reunião internacional de especialistas em assuntos de aviação realizou-se em Roma.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães. O jornalista viajante de guerra Ingersoll já não, informou sobre a guerra, e observou tudo que viu e ouviu durante a viagem.

Observações constantes sobre a situação de Londres sob os bombardeios alemães.

AS VANGUARD TRARAM EM 7

Após vencer a resistência de Ram Sollum e Foge Capuzzi em direção a Tobruck

CONSOLIDA-SE

CAIRO, 16 (16) - O Exército britânico consolidou sua posição em direção a Tobruck após vencer a resistência de Ram Sollum e Foge Capuzzi.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

AFRICA DO NORDESTE
LONDRES, 16 (16) - A vitória dos ingleses sobre os alemães em direção a Tobruck consolidou-se.

Anexo 03: Contraste entre o nome de Abner Mourão e a série de Ralph Ingersoll, O Estado de S. Paulo, 17 dez. 1940, p. 01.

Recebido em 20/6/2012

Aprovado em 24/10/2012

NOTAS

¹ Ver anexo 01.

² Neste livro, na contracapa, há uma propaganda do livro de Ralph Ingersoll, publicado pela mesma editora, também em 1941 e traduzido por A. C. Callado e Tasso da Silveira. Ver anexo 02.

³ Vale lembrar que na mesma situação ficou Napoleão, no século anterior, quando decidiu marchar sobre a Rússia por não conseguir dobrar os ingleses. Júlio de Mesquita Filho, ao refletir sobre este paralelo, sentenciou: “Dizia eu, há tempos, a você, que a situação que enfrenta hoje a Inglaterra se assemelha muito à que se viu ela diante de Napoleão vitorioso. [...] Com uma pequena diferença, porém: e esta é que nem Hitler pode, de longe, comparar-se a Napoleão, nem Pitti foi um Churchill”. Carta de Júlio de Mesquita Filho a Marina Mesquita, datada de 15 de julho de 1940. (MESQUITA FILHO, 2006, p. 189-190).

⁴ Em um dos comentários encontrava-se: “Alguns psicólogos dizem que ‘a cólera dos fleumáticos é mais perigosa que a dos violentos’. Afigura-se-nos que a opinião não é despropositada. Para designar a energia com que os ingleses capitulada a França, resolveram combater o seu inimigo, aquele conceito tem o seu fundamento. É deveras sensacional que a Inglaterra, depois de uma prudência e uma morosidade irritantes, se transfigurasse de uma hora para outra. [...] Não se pode deixar de admirar esta decisão magnífica de um povo que enfrenta a maior crise da sua história. Antes: Eis que isolada, sem perspectiva de auxílios, e ameaçada de uma investida sem precedentes, a nobre nação se ergue, afoita e destemerosa, enfrentando a adversidade com resolução inabalável”. A decisão inglesa. (A DECISÃO INGLESA..., 06 jul. 1940, p. 14).

⁵ Há ainda, a utilização do vocábulo espetáculo para narrar um bombardeio noturno, um jantar, no qual as pessoas dançam – o que se considera surreal. Em outra oportunidade, ele comentava as dimensões que os seres humanos possuíam pensando nos abrigos antiaéreos: “Um ser humano, em Londres, ocupa em média, um espaço de cinco pés e meio de comprimento e não muito largo, mesmo quando veste, sobretudo. Os gordos tomam mais lugar, mas os magros e as crianças restabelecem o equilíbrio. A forma dos indivíduos é também muito variável, pois o corpo humano pode assumir uma variedade infinita de posições”. INGERSOLL, 21 jan. 1941, p. 01).

⁶ Em um dos textos, surgiu o tema de sua anglofilia e ações que lhe angariaram prestígio junto ao governo e à população: “Em primeiro lugar, é preciso notar que eu gozava, em Londres, de uma reputação muito maior a que desfruto na América – maior talvez que a de qualquer publicista pode alcançar na América. Isso não se deve somente ao fato de ter ‘P.M.’ adotado, durante a sua breve existência, um ponto de vista francamente anglófilo, batendo-se pela venda de ‘destróieres’ à Inglaterra e demonstrado franca indignação diante dos bombardeios de Londres. Essa atitude granjeou, para o diretor do jornal, uma carta de apresentação do lord Lothian ao primeiro ministro Winston Churchill [...] Uma semana, mais ou menos, após a minha chegada em Londres, telegrafei à redação do ‘P.M.’ dizendo que havia conseguido completa liberdade de ação e que a estava usando da melhor maneira possível. Mas na realidade, deram-me mais que isso, pois consegui do povo inglês verdadeira cooperação”. (INGERSOLL, 11 jan. 1941, p. 01).

⁷ Em um dos artigos, o jornalista norte-americano asseverava que, “*Em Londres, há realidade em demasia, não sobra lugar para a ficção*. Não cabem, nesta guerra, os guardas de vistosos uniformes, os jazz bands, as lindas moças trajando vestidos de cinquenta libras. E ninguém, em Londres, que tivesse qualquer relação com a guerra – desde os vigias anti-aéreos aos ministros, mesmo os remanescentes do gabinete Chamberlain – parecia ter qualquer ilusão a respeito. Todavia, continuava-se a dançar no Dorchester – e em alguns outros hotéis Dorchesters em miniatura. Na primeira vez que o observei, o espetáculo fez-me rir. ‘Isto não pode ser real’, disse eu. E os meus companheiros de mesa riram também dizendo: ‘Tem toda razão, isto não é real’; - Seria interessante se agora caísse aqui uma bomba’ – disse alguém. ‘Teríamos uma reprodução do naufrágio do Titanic. (O Titanic chocou-se com um iceberg, e foi ao fundo imediatamente enquanto os elegantes, sentados na ponta, fumavam e diziam gracejos, e a orquestra tocava)”. (INGERSOLL, 25 jan. 1941, p. 01, Grifo nosso).

⁸ Em um dos textos, o autor dedicou-se a avaliar de que maneira a censura interferia no trabalho dos correspondentes internacionais. Segundo ele, “a censura apresenta, de início, duas características: primeiro, é um sistema, segundo, é constituída por um grande conjunto de pessoas, dispendo de uma preparação mais ou menos adequada, encarregadas de aplicá-la. Não existe um indivíduo que personifique ‘o censor’. [...] Alguns dias após a minha chegada a Londres, convidei para o almoço, uns doze correspondentes americanos; pudemos, assim, conversar a respeito da censura, sem que um só inglês estivesse presente. Todos, sem exceção, tinham a relatar uma série de exigências e muitas queixas a fazer devido às restrições que lhes eram impostas. Como o meu desejo era justamente saber que proporção de notícias haviam eles – que sabiam infinitamente mais que eu – sido impedidos de transmitir à América, fiz o possível para instigá-los nas suas críticas. Entretanto, em lugar de conseguir as mais sensacionais revelações, o que obtive – quer acreditem quer não – foi uma defesa da censura britânica, tanto mais significativa quanto provinha de americanos que lutavam diretamente com ela. [...] Os correspondentes que escrevem para os jornais americanos são obrigados a questionar e explicar, constantemente, vendo-se muitas vezes obrigados a sacrificar os melhores trechos das suas crônicas porque um censor obtuso não os compreende, de tudo isso se conclui que a censura, tal como existe hoje na Inglaterra, é antes um inconveniente inevitável que uma ameaça à verdade e exatidão das notícias”. (INGERSOLL, 16 jan. 1941, p. 01).

⁹ A título de exemplo, pode-se citar este excerto: “Não há como dar aos meus leitores uma ideia exata do quadro. Talvez possam imaginá-lo se pensarem no número de pessoas que moram em cada prédio de apartamentos, suponhamos que todas elas fossem obrigadas a descer, para ir dormir nos misteriosos porões habitualmente guardados pelo zelador, não excepcionalmente, por motivo de incêndio em um dos andares, mas sistematicamente, todas as noites, até que se tornasse um hábito, uma coisa normal, incapaz de causar espanto ou confusão a quem quer que fosse. Agora imaginem uma cidade inteira fazendo o mesmo. Ou antes, procurem imaginá-lo pois não creio que o consigam. Quanto a mim, mesmo depois de o ter visto, não penso concebê-lo. Tudo o que posso dizer é que um ou dois dias bastam para que se passe a considerar o fato como perfeitamente natural. E o espetáculo das pessoas dormindo por toda parte, em Londres, deixa de surpreender-nos”. (INGERSOLL, 18 jan. 1941, p. 01).

¹⁰ Cabe, aqui, destacar, que os estudos sobre a resiliência da população civil sob a ameaça dos bombardeios surpreendeu e conferiu conforto ao jornalista. Todavia, seria equivocado, como ele apresentou, pensar que esta seria uma peculiaridade britânica. Quando a situação se inverteu, e os ingleses passaram a bombardear Berlim, Darmstadt, Dresden e outras cidades alemãs, o povo germânico também apresentou a mesma capacidade de suportar a guerra aérea. E não se pode esquecer, por último, que a produção de armamentos da Alemanha, continuou, durante o período de intensificação dos bombardeios, em indústrias construídas debaixo da terra, atingindo índices elevados de produção.

¹¹ O apelo à causa da civilização, representada aqui, pelos ingleses, foi apresentada desta forma pelo jornalista norte-americano: “Mas, embora com todas essas atenuantes, o fato continua imutável: os aeroplanos produzidos na Inglaterra, sob uma tempestade de bombas alemãs, pelas suas próprias fábricas, continuam representando a única barreira entre a civilização e a Luftwaffe”. (INGERSOLL, 08 fev. 1941, p. 01).

¹² Para explicitar a opinião do proprietário do matutino, pode-se citar duas cartas de sua autoria. Na primeira, endereçada a Don Lawrence Duggan, associado, então ao secretário de Estado norte-americano Cordell Hull, dizia o jornalista brasileiro que “o Brasil democrático, o Brasil que até agora se revelou sempre o melhor amigo da causa dos Estados Unidos no continente sul-americano, não compreende e jamais poderá compreender o apoio, tanto moral quanto financeiro, que o atual governo de Washington jamais deixou de prestar ao Estado totalitário do senhor Getúlio Vargas”. (MESQUITA FILHO, 2006, p. 215). Sobre a relação entre o final da guerra no mundo e a ditadura brasileira, ele escreveu, a seu irmão Francisco que “quanto aos pequenos, a venda da minha casa os garantiria amplamente durante esse tempo. Depois... depois a Inglaterra, a Grécia e os Estados Unidos *dariam um jeito nas coisas do Brasil*”. (MESQUITA FILHO, 2006, p. 220, grifo nosso).

¹³ Ver anexo 03.

REFERÊNCIAS

DENTRO DE POUCOS DIAS. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 17 jul. 1940, p.14.

MESQUITA FILHO, Ruy Mesquita (org). *Cartas do exílio: a troca de correspondência entre Marina e Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 17 dez. 1940.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 19 dez. 1940.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães IV. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 24 dez. 1940.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães VII. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 04 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães IX. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 09 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães X. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 11 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XII. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 16 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XIII. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 18 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XIV. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 21 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XVI. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 25 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XVII. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 28 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XVIII. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 30 jan. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XIX. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 01 fev. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XX. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 04 fev. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XXI. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 06 fev. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XXII. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 08 fev. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XXVI. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 20 fev. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XXVI. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 04 mar. 1941.

INGERSOLL, Ralph. Londres sob bombardeios alemães XXXV. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 01, 13 mar. 1941.

KEEGAN, John. *The Second World War*. London: Penguin Books, 1989.

KERSHAW, Ian. *Hitler (1936-1945): Nemesis*. London: Penguin Books, 2000.

LEWINSON, Richard. *Os sessenta dias trágicos da França*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

LIDDELL HART, Basil H. *History of the Second World War*. London: Papermac, 1992.